

A PALAVRA FALADA

ZITA DE ANDRADE LIMA

Meus amigos:

Com a alegria que sinto por suas presenças, começarei repetindo UNAMUNO, o grande pensador espanhol:

— eu não dou idéias,
eu não dou conhecimentos,
eu dou pedaços de minha alma.

Sou daquelas pessoas que acreditam no poder dos pequenos gestos que salvam vidas, que distribuem alegria, que removem barreiras; sou daquelas pessoas que acreditam no poder da gota d'água, que perfura as rochas; sou daquelas pessoas que acreditam no poder da PALAVRA que transforma os destinos do homem, da humanidade, que determina a marcha do mundo.

Todos os profissionais conscientes cuidam dos seus instrumentos de trabalho com o maior carinho:

Uma Madalena Tagliaferro, um Arnaldo Estrela, Guiomar Novaes, Nelson Freire, Oriano de Almeida, diante dos auditórios seletos, como executariam uma sonata, uma fuga, uma sinfonia, uma valsa, um prelúdio de Bach, Beethoven, Tchaikovsky, Wagner, Strauss, se lhes entregassem um piano com cordas quebradas, caixas estragadas?

José Siqueira, Eleazar de Carvalho, que harmonia, ritmo e melodia conseguiriam arrancar das orquestras que regessem se os instrumentos não estivessem afinados?

Será que Emerson Fittipaldi, José Carlos Pace, Niki Lauda, Clay Regazzoni, Ronnie Peterson, correriam com tamanha velocidade nas pistas de Montecarlo, de Interlagos, Montjuich, Monza, Brasília com carros sem freios, tanques sem gasolina?

E Eder Jofre, Frazier, Cassius Clay, o grande Miguel de Oliveira, e — do meu tempo Joe Louis — se não exercitassem os seus punhos teriam nocauteado seus adversários?

Rivelino, Marinho, Edu, Geraldo, Haroldo, Edmaí, Lula, Cândido, Ibsen, Lucinho, seriam os ídolos da torcida brasileira, seriam os ídolos da torcida cearense, se descuidassem dos seus pés?

Os pilotos subiriam “tantas léguas pra cima” — como disse certa vez um matuto do meu Pernambuco, em sua primeira viagem de avião — os pilotos se enfiariam no azul do céu e no bojo das tempestades se seus aviões não estivessem em perfeitas condições?

Pois é, como vêem, *todos os profissionais conscientes* cuidam dos seus instrumentos de trabalho.

Todos cuidam.

Será?

E os profissionais da VOZ?

— Advogados, professores, parlamentares, administradores de empresas, atores, comunicadores? LOCUTORES? Será que eles cuidam das suas vozes?

É tão grande o mistério da palavra que o *Mar* é um monossílabo, disse Fernandes Soares.

E disse Mirtha Guarani:

— Há todo um mistério, um *silêncio* e uma eternidade dentro de cada VOZ.

Um silêncio dentro de cada VOZ!

Sim, porque o valor da palavra não está na palavra ela mesma: está na elaboração interior e anterior de *quem a pronuncia* e na elaboração interior e posterior de *quem a escuta*.

A consciência, ineficaz enquanto permanece solitária, prorrompe até o mundo, prorrompe em forma de mundo, revelando o mundo ao homem, anunciando o homem ao mundo.

Também é fácil mostrar que a intimidade autêntica de uma pessoa para consigo mesma, não suprime em absoluto o relacionamento com o outro.

O pensamento ativo, construtivo, não deixa nunca de referir-se a presenças efetivas.

A invocação pode demorar e chegar a seu destinatário, mas existe como uma intenção para animar o movimento do pensamento.

Cada palavra se dirige às estruturas pessoais e quer obter a conversão, a modificação destas estruturas, baseada na expectativa da adesão prévia que vislumbrou no outro, e, persuadido de que certos valores são denominadores comuns, cuidam de aprofundar este consentimento. *Falar não acontece na boca.*

Nem a separação, nem o desentendimento, nem a morte podem interromper o diálogo das experiências uma vez começado.

Cada um tem sempre algo a dizer, como uma contribuição da realidade do mundo no qual tem a tarefa de se afirmar.

Somos centro do universo; nosso comportamento, nossas atitudes, nosso humor dão, a cada instante, sentido ao contorno dos seres e das coisas.

Quem fala não pratica um ato puramente mecânico, não emite meros sons, mas tem a intenção de sentir o que diz, de dar sentido ao que fala.

Quem fala, fala sentindo, fala acreditando, fala vivendo, fala sendo uma realidade única e inconfundível. Palavra e ação são indissociáveis.

Cada indivíduo é senhor absoluto do que fala: ele diz o que quer, a quem quer, como quer, quando quer. A fala é um ato individual da vontade e da inteligência.

Nada melhor para evidenciar o privilégio da palavra na constituição do mundo do que a situação oferecida pelos portadores de enfermidades ou defeitos da linguagem.

Diz Georges Gusdorf que na realidade não existem, propriamente falando, enfermidades de linguagem; existem perturbações da personalidade, falta de adaptação da realidade humana.

O problema não é um problema da linguagem em si, mas um problema do homem que fala.

As palavras podem e devem marcar a história das vidas das pessoas que nos ouvem.

E por que não imprimir estas marcas de forma positiva, de forma útil, de forma agradável?

A palavra está sempre carregada de valores pessoais; toda palavra, ainda que negativa ou de má-fé, dá testemunho dos horizontes do pensamento e do mundo.

Cada palavra é a palavra da situação, do momento e, uma vez pronunciada, nunca se modificará, carregará sempre em si o mesmo sentido, passará a viver por si, independentemente dos seus efeitos.

Todos têm obrigação de encontrar a palavra da sua situação.

Cada palavra proporciona uma contribuição para a existência: constitui a essência do mundo e a essência do homem; o que há de mais profundamente essencial no homem é revelado, é reconhecido pelas qualidades da sua voz.

É tão importante o objetivo do comunicador, quanto a capacidade de apreensão do receptor.

Aquele que escuta não se limita — para compreender — a registrar passivamente os elementos idiomáticos que vai ouvindo, associando-os com as idéias correspondentes; o ato da compreensão supõe uma consciência ativa, uma atitude como de sintonização com a atividade criadora de quem fala, uma resposta psíquica adequada. É preciso crer em si e crer no outro; é preciso não se fixar de maneira definitiva em pontos de vista, nem aceitar pura e simplesmente a idéia do outro.

O outro é, para cada um, condição de existência no intelectual e no material.

Falar é um modo de criação. Compreender é um modo de recriação.

O SOM E O RÁDIO

Palavra x Voz

PALAVRA — Essência, conteúdo, dinâmica do pensamento, a palavra traduz a idéia; aspecto intelectual.

V O Z — Vibração do ser em forma de som, expressão sonora da personalidade, dinâmica do sentimento; aspecto emocional.

Frederico da Prússia disse: as palavras podem ferir mais do que punhais; o tom pode ferir mais do que as palavras.

Não pode, não deve haver distância entre o pensamento e a emoção, entre a idéia e o sentimento.

O som não é um mero meio fônico material para expressão das idéias; na língua som e pensamento — chegam por sua união — a delimitações linguísticas recíprocas de unidade.

A imagem verbal não se confunde com o som; o som é tão psíquico como o conceito: a fala é o som com significado cultural.

Todas as variedades, do grito ao gemido, à exclamação, à interjeição, à afirmação são esforços para adaptar o EU ao mundo.

A surpresa, a alegria, o medo e o espanto dão à palavra a emoção pura, a expressão se condensa em seu paroxismo de intensidade.

A palavra dita ao microfone tem um caráter de universalidade potencial.

O locutor quando fala ao microfone tem de pensar que fala para todos e que fala para cada um; tem de ter um caráter impessoal e indeterminado e ter um caráter íntimo, confidencial, secreto, diz Fernando Curado Ribeiro.

Aquele que ouve deve ter a impressão de que ele e o locutor estão pensando juntos.

É por isto que é da maior importância estudar o som em si próprio, como meio de comunicação entre as consciências.

O rádio põe em jogo o contraste presença-ausência. No rádio há uma dupla ausência: quem fala não vê quem ouve e quem ouve não vê quem fala.

O ouvinte reconstitui, na sua imaginação, o espetáculo, o ambiente, a fisionomia que mais lhe convém. O rádio utiliza a audição, mas evoca a visão, daí porque não pode haver contrastes entre o auditivo e o visual.

O som tem de revelar, pela sua estrutura intrínseca, o universo de cada um, o mundo criado em cada inteligência, em cada sentimento; o universo racional e o universo emocional.

É através da audição que as informações se transformam, em nossa mente, em conhecimento.

Ouvir é um ato, é uma atitude voluntária e consciente; exige força de vontade. Quando se começa a ouvir, percebe-se que essa função representa considerável dispêndio de energia. A capacidade de ouvir precisa ser aperfeiçoada. Ouvir exige reflexão e concentração.

É preciso sentir mais o mundo pelo ouvido, vivendo com maior intensidade a realidade do som, da música, do ruído, propondo questões antes impensadas ou despercebidas, libertando formas até então aprisionadas.

FUNÇÕES DA VOZ

A voz exerce três funções principais:

- 1 — Função de representação
- 2 — Função de expressão
- 3 — Função de apelo

1 — A Função de Representação, também chamada de função referencial, informativa, de interpretação, ou demonstrativa: transmite o fato, transmite conceitos, referências, explica o conteúdo sobre o que se fala. É exercido através do timbre: grave, agudo, metálico.

2 — Função de Expressão: também chamada de função expressiva ou emotiva: relacionada diretamente com quem fala. Se caracteriza pela transmissão do conteúdo emotivo; revela o comportamento emocional de quem fala; denuncia aspectos de sua vida, circunstâncias que o envolvem. É exercida através da modulação, ênfase, cadência. É a evocação de quem fala.

3 — Função de Apelo, apelativa ou de provocação: tem como finalidade atuar sobre o ouvinte. Quando a fonte interroga, pede, ordena ou exorta, quando argumenta, lisonjeia ou repreende tem um objetivo que não é simplesmente dar uma informação, mas é atuar sobre o ouvinte influenciando no seu modo de pensar e de agir.

Nesta função a voz deseja e provoca a reação de quem ouve; estimula, motiva. É uma invocação do outro.

Exercitando suas funções a voz pode atrair, repelir, fascinar, envolver; pode provocar o ódio, a ternura, o amor, a paixão; pode provocar desprezo e o que é pior — pode provocar indiferença.

Para se exercer bem as funções da voz se faz necessário:

1. desenvolver a voz, a fala, o vocabulário, os gestos;
2. desenvolver a linguagem interior, coordenada, organizada em conceitos claros e ricos em conteúdo;
3. desenvolver o domínio e o equilíbrio das emoções.

Há que cuidar da voz. Todas as pessoas falam sem terem aprendido sua técnica. Falar é privilégio do homem. Falar bem não é privilégio de ninguém. Todos podem falar melhor. Todos podem falar bem.

O descuido da voz denuncia a falta de disciplina pessoal.

Há os que falam aos arrancos, como se as palavras nascessem à forceps; há os que falam tropeçando, embrulhando as palavras, há os que falam de boca fechada, parece que escondendo as palavras que mal podem fugir, escapar.

Há ainda os que falam devagar ou depressa; muito alto ou muito baixo; os de fala triste e magoada, de fala monótona que chega a dar sono, há aqueles cuja fala sobe e desce descuidadamente: há os que falam pelo nariz.

A fonoaudiologia estuda a linguagem humana e audição, avaliando, analisando, constatando e aperfeiçoando a comunicação oral e escrita. A fonoaudiologia pode ser terapêutica, estética e educacional.

A terapêutica é mais de reabilitação, de recuperação de pessoas que têm deficiência da comunicação, enquanto que a estética e a educacional são mais de profilaxia, habilitação profissional e aperfeiçoamento da comunicação.

A fonoaudiologia ensina que a voz é controlada pela audição. A audição determina a altura, a intensidade e o timbre da voz. Ensina também que a projeção e a duração da voz são determinadas pela utilização da coluna de ar na respiração fônica.

A sonoridade, a harmonia que existem em cada palavra são resultado de muitas lutas entre letras e sílabas.

A sonoridade, a clareza que existem em cada voz são resultado de estudo, de treinamento.

A palavra proferida e ouvida coincide na mesma pessoa: quem fala se ouve. Esta relação ativa-passiva, entre a voz e audição, é inseparável da consciência humana e é justamente porque o homem ouve o que diz, que pode manter uma permanente autocrítica e pode se retificar no caso de não ter correspondido à sua intenção.

Os comunicadores pelo rádio devem se capacitar a utilizar, a manipular, a explorar os mais diversos e variados tipos de informação que consigam arrancar da música, arrancar dos sons, arrancar dos ruídos, arrancar, *inclusíve e principalmente da música da voz, da música da palavra articulada.*

“As alterações dos sons que se produzem na fala *exercem profunda influência nos destinos da língua*”, diz Saussure.

A realidade de cada autor, produtor, redator, está passível de reestruturação de acordo com a experiência vivencial de cada locutor. As formas de expressão, a tradução das idéias, a interpretação dos sentimentos dependem das suas próprias vivências perceptivas.

Uma característica fundamental do pensamento criador é a flexibilidade que permite ao indivíduo “sentir a realidade” de modos diversos e adaptar a sua estrutura de pensamento ao nível de adequação desejado.

Diz Antônio Amorim: “a audição é um fato social e implica em uma pessoa que fala e em uma pessoa que ouve e que se influenciam reciprocamente.

A voz e a audição relacionam-se e apresentam uma importância tal em nossas relações humanas, que freqüentemente somos levados a dialogar no mesmo tom em que somos. Quem pergunta aos gritos, obtém resposta aos gritos e quem fala calmamente recebe respostas brandas, agradáveis”.

Dostoevsk dizia — é ainda Antônio Amorim quem nos conta — que “se os indivíduos ao nosso redor se mostram malvados e insensíveis, não desejando nos ouvir, caímos de joelhos diante deles, pedindo perdão. Na realidade somos nós os culpados por não desejarem ouvir-nos”.

Outro aspecto da Comunicação que muito nos preocupa é a

POLUIÇÃO DA LINGUAGEM

A linguagem má — é uma característica do desleixo mental, disse George Orwell.

“A má retórica é um produto dos homens maus” — disse Emerson.

Muito se fala em poluição do meio ambiente, poluição do ar, da água, poluição sonora, visual. Pouco se fala em poluição da linguagem, menos manifesta, muito disseminada e com efeitos bem graves.

A língua está em perigo; as palavras estão agonizantes, estão morrendo; a linguagem está degradada, abastardada, aviltada, apodrecida. É isto o que pensam os lingüistas e todos aqueles que se interessam por nosso idioma. Diante desta situação, uma indagação se nos apresenta: o que estão fazendo os comunicadores para impedir ou refrear a poluição da linguagem?

Está se verificando uma evolução acelerada na direção de uma linguagem cada vez menos controlada, cada vez mais fácil. Ou mais difícil?...

Geraldo Rodrigues, em artigo que denominou "Uma Geração sem Palavras", publicado em um dos nossos jornais, diz: "Em certas comunidades de moços, a gíria cada vez mais abundante substitui a língua comum de tal maneira que dentro do seu jargão escotérico, incompreensível aos demais, chega a formar grupos fechados, que, ao invés de ampliarem a sua comunicação com o meio, a reduzem e circunscvem. A gíria em si, não é um mal, sempre existiu, é uma fonte de enriquecimento do idioma, não entretanto quando transborda sobre todas as áreas da língua, tentando subvertê-la, e substituí-la. A aparição de novos conceitos e situações culturais obriga a criar novas palavras e dar novo sentido às já existentes, mas não leva à degradação que compromete a cultura."

Exemplo do abuso dos nossos comunicadores é esta notícia divulgada por uma emissora de Belo Horizonte, em seu programa policial "TIRADENTES CONTRA O CRIME" sobre a morte de Dayma Fetzer, oficial de nossas Forças Armadas: "Oficial da Aeronáutica, com a cuca cheia de cana, chifrou um poste e subiu mais cedo."

Como fenômeno isolado a poluição de linguagem não ultrapassa os limites do irritante, do divertido, do engraçado, diz Frederico Branco, citando Melvill Maddocks.

Mas se considerarmos este fenômeno nas suas devidas proporções, constatamos que ele impede e desvirtua o significado das palavras, e o homem, à força de ser iludido e desrespeitado pelo uso impróprio da linguagem, se torna passivo, acomodado, ausente dos acontecimentos que exigem uma participação cada vez maior de todos e de cada um.

Maddocks atribui a poluição da linguagem a dois fenômenos: à supercomplicação deliberada e à super-simplificação deliberada, e responsabiliza por esta poluição os políticos, os jornalistas e os publicitários, chamando-os de os três modernos cavaleiros do Apocalipse.

A poluição da linguagem, *no rádio*, assume proporções muito mais perigosas, pela valorização que a entonação, o ritmo, a modulação, o timbre conferem.

Em matéria de linguagem o microfone pode ser o melhor e o pior em suas conseqüências, porque, como o microscópio, o microfone, aumenta os pormenores e exagera os defeitos.

Quando Maddocks fala em supercomplicação não se refere à terminologia técnica, científica de livros, revistas ou artigos especializados. Se refere ao uso de uma linguagem muitas vezes pretensiosa e quase sempre vazia.

E quando se refere à super-simplificação se refere à linguagem vulgar, pobre e suja.

Sem entrarmos em análises profundas, mas utilizando o bom-senso, podemos chegar a uma conclusão perigosa e lamentável: a

linguagem poluída, usada em nossos meios de divulgação, está levando a uma poluição dos costumes.

Eu trouxe algumas notícias publicadas em nossos jornais. Verifiquemos:

“MODA ITALIANA COMENTADA NO VATICANO”

“Uma firma de vestuário anuncia o lançamento de “Jesus-jeans” (calças de Jesus) para homens e para mulheres.”

e os muros de uma cidade foram cobertos com cartazes de uma silhueta com calças desabotoadas, denominadas “Bleus Jeans Jesus” (Calças azuis de Jesus) em razão do seu conforto *divino*. . .

O jornal *Osservatore Romano* acha que este tipo de anúncio é um produto desregrado de nossa cultura permissiva, que entende a tolerância em todos os domínios.

Podemos observar também como as coisas sérias são tratadas.

As duas notícias que vou dizer agora são da autoria de uma mesma pessoa e foram publicadas em um jornal que circulou na semana passada:

“De vez em quando leio os jornais dos Estados e descubro coisas muito interessantes. Ontem, por exemplo, fui recompensada; logo na primeira página, no *Diário de Pernambuco*, com a manchete: “Suape extinguirá miséria, diz Elcias.”

Deve ser notícia de turfe, penso logo. Suape é um poderoso garanhão que vai aniquilar Miséria, uma potranca veloz, e Elcias, evidentemente, é o treinador.” A própria jornalista continua:

“Pois não era nada disso. Suape, fiquem sabendo vocês, é um projeto para o desenvolvimento do Estado; Elcias é Anchieta Elcias, o Secretário de Indústria e Comércio, e Miséria é miséria mesmo.”

A outra notícia desta jornalista:

APARÊNCIAS

“Deputada Sandra Cavalcanti dizendo que é contra homem de cabelo comprido porque os dois sexos devem manter, pelo menos externamente, algumas das características que os diferenciam. Eu cá do meu canto, — é ainda a jornalista quem fala, — acho que existem outras características, também externas, bem diferentes, mas como a moça é solteira, vai ver ela nunca viu.”

Outro comunicador muito lido pelos jovens, fez os seguintes comentários sobre uma peça de teatro que está sendo encenada em São Paulo, peça aliás que eu assisti e que merecia outro tipo de comentário, ou, pelo menos, merecia ser comentada com outra linguagem:

“Na peça de Consuelo Castro, há um tremendo corpo-a-corpo entre profissionais de uma agência de propaganda. Um diretor de criação já está há cinco anos entre feras, sem fazer chongas de criação. Um diretor de arte dá chilikos tresbundantes, rodando a bolsinha à espera de uma cantada mais polpuda. Um contato passa o tempo todo dando vivas aos cursilhos, essa espécie de curso intensivo para debilídeos sob o régio patrocínio da TFP e congêneres. Um diretor de agência diz palavrões adoidado e cutuca restos de comida nos dentes (como durante a peça esse diretor bebe muito e não come nada, desconfio que botaram farinha dentro do uísque dele). E, *last and least*, lá está em sua mesa uma redatora bunda-quente, que em gíria publicitária quer dizer aquela pessoa que trabalha pra baralho, sem arredar o bumbum do lugar.”

Continuando sua crítica sobre a peça:

“Tem outras coisinhas malháveis, mas chega de descer o cacete, porque afinal você é boa de teatro e eu não sou crítico teatral. Mas só pra terminar, quero tirar algumas dúvidas “subjativas”. Escuta aqui, é verdade que te sacanearam tanto assim em propaganda? Aquela redatora bumbum-quente tem muito de você, tem? Enfim, você sempre sonhou, como uma boa feminista, tomar o lugar do seu diretor de criação daquele jeito? E o caminho de volta?

Respostas para a redação deste jornal. Não guardamos sigilo absoluto.”

Ontem, no jornal *O Povo*, aqui de Fortaleza, na página de esportes, seção “O que falta acontecer”, Arabá Matos faz comentários, muito oportunos, sobre o uso desta linguagem poluída: “... mas palavrão por palavrão, um locutor de pista disse alto e bom tom, domingo, ao afirmar que “esse Wilkson está dando p... e esse safado desse juiz não faz nada.”

Ainda na seção de Arabá Matos: “Um dia destes um árbitro que não permitiu a entrada do locutor em meio ao jogo levou descomposturas no ar.”

No dia 16 deste mês de maio fez um ano que o Ministro das Comunicações, Quandt de Oliveira, tentando salvar o vernáculo no rádio e na TV, baixou uma portaria que mereceu de um comentarista do jornal *O Estado de São Paulo*, o seguinte registro: “Há uma distância muito grande entre certas leis e sua aplicação. Por mais bem intencionadas que sejam, elas enveredam pelo caminho do utópico. Falta-lhes realismo e, continua o comentarista... parece que a portaria ministerial está destinada a ter esta vida difícil que espera qualquer legislação que não leve em conta a realidade cultural brasileira”.

Acreditem que, no dia seguinte ao da publicação da Portaria, ou seja, no dia 17, dia em que se comemora o dia mundial das tele-

comunicações, uma emissora de São Paulo transmitindo um programa sertanejo saiu-se com esta:

“Uai, cumpadi, tão dizem ai qui nós num vai pudê falá cuma a gente sabe, qui o Denté tá de óio ni nós. Nem qui a gente falá quarqué coisa errado eles castiga a rádio e tira o polegrama do á. Intão... capricha aí Tunico...”

Macluhan tinha razão ao afirmar:

“A sociedade começa a apresentar-se como um eco linguístico ou como repetição das normas de linguagem. Os meios linguísticos moldam o desenvolvimento social tanto quanto os meios de produção.”

Ilustremos o que afirma Macluhan com uma notícia publicada em um dos nossos jornais de maior circulação:

“SEXO TEM CAMPEONATO MUNDIAL”

“Nova Iorque, (AFP-JB) — Diante de um público de psicólogos, antropólogos e higienistas, 47 casais participaram das eliminatórias do I Campeonato Internacional do Sexo, realizadas no último fim de semana em Nova Iorque.

A competição sexual, que se prolongou por duas horas, foi dividida em quatro partes: antes do ato sexual, durante, o momento do orgasmo e depois. Os vencedores das eliminatórias disputarão as finais do campeonato, em junho.

Os jornais e agências de notícias de Nova Iorque souberam da competição ontem, ao receber pelo correio uma fotografia que mostrava vários casais de concorrentes em plena ação, sobre mesas cobertas de lençóis brancos. Os casais representam os Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França, Itália, e Alemanha Ocidental.”

Bem, vamos acabar de chegar, como dizem os Goianos — donos do Planalto Central:

Para que o rádio desempenhe as suas funções na Sociedade Contemporânea, se faz necessário introduzir nos nossos Cursos de Comunicação algumas modificações .

Os profissionais do rádio, usando como principal instrumento de trabalho a VOZ — palavra falada — têm de desenvolver a dinâmica do pensamento e a dinâmica do sentimento; a agilidade mental exercitando a rapidez do raciocínio, a sucessão de idéias, tradução rápida, eficaz e eficiente de um pensamento lúcido — exercitando a agilidade verbal — sucessão de palavras em uma linguagem não poluída e com uma voz bem colocada, expressiva, numa articulação clara, de sonoridade agradável e persuasiva.

Também se faz necessário dar importância maior à sonoplastia, seja ela ativa ou passiva, exercendo influências funcionais ou intencionais.

O sonoplasta precisa conhecer música, precisa ter sensibilidade e inteligência para transformar, tanto quanto possível, o visual em sonoro, utilizando os sons e ruídos ambientais e os de laboratório.

Em rádio o mundo é levado aos ouvintes ... pelos ouvidos.

As mensagens através do rádio só atingirão os seus objetivos, só alcançarão os seus efeitos, quando elaboradas com base em uma pesquisa científica, para seleção de públicos, identificação de anseios, de necessidades, de disponibilidades de escuta; em uma pesquisa para dosificar temas, assuntos, tipos de programas: nem muito acima, nem muito à frente do nível cultural dos ouvintes; programas nem herméticos, nem vulgares.

O profissional de rádio tem de ser mestre na arte da descrição, — pitográfica, topográfica ou cinematográfica — para que o ouvinte possa “arquitetar”, “construir” um ambiente; para que o ouvinte possa penetrar, ser envolvido e visualizar o mundo que o locutor lhe oferece.

O rádio está recuperando o seu prestígio. Algumas emissoras vêm encontrando uma audiência crescente, vêm dando uma atenção cada vez maior ao rádio-serviço, informando e educando. Educando em uma das três acepções de Jacques Maritain sobre educar: todo processo pelo qual um homem se forma e é conduzido à sua realização.

Esta tarefa compete ao rádio mais do que a qualquer outro veículo, pois o rádio é o meio de comunicação que pode sentir mais de perto, mais depressa e com maior fidelidade os problemas do seu ambiente sócio-cultural, pode “sentir” o seu mundo e deliberar sobre o que quer, o que deve, sobre o que pode fazer... imediatamente.

Ainda porque se não houver um meio de comunicação regional bem orientado, capaz de fazer uma seleção das mensagens que interessem diretamente àquela comunidade, àquela região, esta quantidade de informações contraditórias, procedentes de universos vários e distantes, refletindo atitudes, padrões culturais, sistemas de valores que são assimilados de forma indiscriminada, exercerão efeitos perniciosos sobre o psiquismo dos indivíduos, exercerão ação desagregadora sobre a personalidade.

Tamanho é a força, tamanho é o poder da palavra falada, a arma mais perigosa do mundo moderno, que, para terminar, vou repetir o que li certa vez:

“Aquele que dominar a difícil arte de falar venderá o sol em seu estado natural, venderá as estrelas do céu, venderá réstias prateadas do luar, venderá os espaços não férteis, venderá o nada parcelado”.

(Trabalho apresentado ao I Seminário de Estudos de Comunicação Social — Fortaleza, maio de 1975).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMORIM, Antônio. *Fonoaudiologia*. São Paulo, Pioneira.
2. ARANGUREN, J. L. *Comunicação humana*. São Paulo, Zahar.
3. BLOCH, Pedro. *Você quer falar melhor?*
4. ———. *Problemas da voz e da fala*.
5. BRANCO, Frederico. Afasia semântica. *Estado de São Paulo*, 14.3.74.
6. GUSDORF, George. *La Palabra*. Buenos Aires, Nueva Visión.
7. OLIVEIRA, Franklin. A Poluição Semântica. *Correio da Manhã*, 3.4.71.
8. PENTEADO, Whitaker. *A Técnica da Comunicação Humana*. São Paulo, Pioneira.
9. RIBEIRO, Fernando Curado. *Rádio, Produção, Realização e Estética*. Lisboa, Arcádia, 1964.
10. RODRIGUES Geraldo. Uma Geração Sem Palavras. *Estado de São Paulo*, 5.9.73.
11. SAUSSURE, Ferdinando. *Curso de Linguística General*. Buenos Aires, Losada.
12. SIMAS, Ana Luiza Bueno. *Eduque Sua Voz e Sua Fala*. Porto Alegre, A Nação.
13. SIQUEIRA, Ethevaldo. *Uma Portaria Quer Salvar o Vernáculo no Rádio e na TV*. *Estado de São Paulo*, 19.5.74.